



ENTRUST

Supporting Senior Entrepreneurship
in Sustainable Tourism

Curriculum

Do profissional experiente com mais de 50 anos de idade a empreendedores de turismo rural - Revisão de literatura e resultados do questionário

Project nr: 2021-1-IE01-KA220-VET-000033075

Co-funded by the
Erasmus+ Programme
of the European Union



*This project has been funded with support from the European Commission.
This publication (communication) reflects the views only of the author, and
the Commission cannot be held responsible for any use which may be made
of the information contained therein.*

fevereiro2023

Organização responsável: Haaga-Helia

Identificação do Documento

Destinatários	Parceria/Consórcio ENTRUST
Status de Confidencialidade	Apenas uso interno

Versão do Documento

Versão	Data	Autores
V1	02-17-2023	Maija Suonpää, Tarja Römer-Paakkanen
V2		
V3		
V4		

Este documento pode ser alterado sem aviso prévio.

Todos os direitos reservados.

COPYRIGHT

© Copyright 2022 Parceria ENTRUST

Membros da parceria/consórcio:



Índice

Resumo	4
1. Introdução	5
2. Revisão da Literatura e Conceitos-Chave	6
2.1 Envelhecimento e Empreendedorismo Sénior	6
2.2 A Formação empreendedora e as abordagens de aprendizagem para estudantes com mais de 50 anos	10
2.3 Desenvolvimento Sustentável e Turismo Sustentável	13
2.4 Turismo Rural	14
2.5 Definições de Património Cultural, Património Mundial e Património Natural	15
3. Métodos e Dados de Investigação	16
4. Resultados	17
4.1 Opiniões de peritos sobre o Potencial Empreendedor e os Desafios do Empreendedorismo para as Empresas Relacionadas com o Turismo	17
4.2 Aspirações Empresariais de Potenciais Empreendedores 50+ em Áreas Rurais	19
4.3 Tópicos chave de formação em Empreendedorismo para 50+	20
5. Conclusões e Reflexões	22
BIBLIOGRAFIA	23

Resumo

Em 2018, havia 14.5 milhões de empresários com mais de 50 anos de idade na UE, representando 48% de todos os empresários da região. Mais de 31% destes empreendedores empregam outras pessoas que não eles próprios (OCDE 2021). A investigação mostra que as pessoas entre os 50-64 anos estão melhor colocadas para iniciar novos negócios do que as pessoas mais jovens (Lechner e Dowling, 2003; Kibler et al. 2012; Singh e DeNoble, 2003; Weber e Schaper, 2004; Kautonen, 2013, 14) e os seus negócios são também mais bem-sucedidos (Khan 2013, 53). Os trabalhadores mais velhos possuem um maior número de networks desenvolvidas, posições financeiras mais fortes e uma maior capacidade para alavancar recursos e criar negócios mais credíveis ao longo das suas carreiras (Schøtt et al., 2017).

A investigação apresentada neste artigo irá fornecer informação para o design da formação em empreendedorismo do projecto ENTRUST para pessoas com mais de 50 anos. O grupo-alvo da formação serão pessoas com mais de 50 anos que estejam a mudar de carreira ou que queiram continuar como empreendedores/empresários à medida que envelhecem, por exemplo no seu local de nascimento, nas suas casas de campo ou noutras zonas rurais. O negócio dos empreendedores com mais de 50 anos de idade que serão orientados irá apoiar a preservação da cultura europeia, da natureza e do património e fornecer serviços a turistas ou outros negócios e redes empresariais que apoiam o turismo nas zonas rurais. O objectivo é também compreender melhor o empreendedorismo, tornando-se empresário, aprendizagem e outros fenómenos associados a pessoas com mais de 50 anos de idade. A questão da investigação é: Que tipo de formação empresarial é necessária para criar um negócio que promova o turismo sustentável e a consciência patrimonial nas zonas rurais? O material de investigação consiste numa revisão bibliográfica e inquéritos a especialistas em turismo no espaço rural nos países parceiros do ENTRUST e potenciais empresários com mais de 50 anos.

Palavras-chave: aprendizagem empreendedora, formação empresarial, empreendedorismo rural, turismo sustentável, turismo rural, empreendedor sénior.

1. Introdução

O envelhecimento da população e o declínio simultâneo das taxas de fertilidade estão entre os maiores desafios que os países da Europa Ocidental enfrentam (Cela & Ciommi 2018, 211). De facto, o objectivo da "Agenda Europa 2020 para Novas Competências e Empregos", que se centra no envelhecimento da população da União Europeia, é o de ter três em cada quatro europeus com idades compreendidas entre os 20-64 anos a trabalhar. Como os europeus mais velhos estão de boa saúde e podem contribuir para o crescimento económico através das suas competências e experiência, é crucial explorar melhor o potencial das pessoas idosas no mercado de trabalho (Comissão Europeia, 2014, 8). O projecto ENTRUST é um programa de formação e desenvolvimento internacional financiado pelo Erasmus+ para conceber um programa de formação empresarial para pessoas com idade igual ou superior a 50 anos em matéria de educação e formação profissional. O objectivo do projecto de formação em empreendedorismo é apoiar a preservação da cultura, natureza e património europeus e prestar serviços a outras empresas, redes empresariais ou turistas que apoiam o turismo sustentável nas zonas rurais. O projecto irá criar ferramentas interactivas e uma plataforma de aprendizagem com formação e material de apoio actualizado para o planeamento de um novo negócio. O projecto ENTRUST envolve a Finlândia (Haaga-Helia amk), Holanda (Stichting Business Development Friesland), Irlanda (Innovation and Management Centre) e Portugal (Aidlearn, Consultoria em Recursos Humanos e Domínio Vivo - Formação e Consultoria). O projecto ENTRUST e estudos relacionados têm como objectivo compreender melhor o empreendedorismo, ser empresário, aprender os fenómenos relacionados para as pessoas com mais de 50 anos de idade. Pergunta fundamental para a investigação: Que tipo de formação e treino são necessários para criar negócios que promovam um turismo sustentável e apoiem a preservação da cultura e do património cultural europeu nas zonas rurais? O material de investigação consiste numa revisão bibliográfica sobre mais de 50 empreendedores de turismo rural sustentável e a preservação de sítios europeus de cultura e património cultural, assim como inquéritos dirigidos a especialistas em desenvolvimento rural e turismo rural e a potenciais 50+ empreendedores nos países da parceria ENTRUST.

2. Revisão da Literatura e Conceitos-Chave

Para melhor compreender o fenómeno e o contexto do empreendedorismo sénior nos países parceiros do Projecto ENTRUST, o projecto procedeu a uma revisão bibliográfica. O objectivo é também explorar como o empreendedorismo sénior pode responder aos desafios da sustentabilidade social do turismo nas zonas rurais. O objectivo da revisão de literatura neste texto é fornecer uma visão geral do tema do projecto e dos fenómenos relacionados. Uma revisão de literatura é um método que analisa estudos publicados, apresenta fontes utilizadas e fornece uma visão geral dos fenómenos e resultados da investigação, actuais em determinados domínios. Há várias fases na implementação de uma revisão bibliográfica: definição das palavras-chave dos estudos e procurar investigações relevantes, publicações, estatísticas, estudos de caso, etc., assim como a definição das perguntas de investigação e a análise dos conteúdos da investigação (Salminen 2011).

Também foi desenvolvida uma descrição narrativa mais ampla para o projecto ENTRUST, tendo em conta a evolução e a perspectiva histórica do fenómeno (Salminen 2011, 7), e destacando o importante papel do empreendedorismo acima dos 50 anos numa Europa em envelhecimento. Para a revisão da literatura, cada parceiro do projecto investigou e reviu a literatura tanto numa perspectiva europeia como numa perspectiva nacional. Este artigo apresenta e interpreta resumidamente os resultados de uma extensa revisão da literatura. Os fenómenos ou conceitos-chave são: envelhecimento e empreendedorismo sénior, aprendizagem empreendedora e abordagens de aprendizagem (especialmente para o grupo etário dos mais de 50 anos), empreendedorismo rural, turismo sustentável e património cultural. Para cada um dos fenómenos considerados, foram colocadas as seguintes questões: Qual é o significado do fenómeno? Porque é que é importante? Quais são os desafios? Quais são as características específicas do fenómeno em cada país?

2.1 Envelhecimento e Empreendedorismo Sénior

O processo de envelhecimento e a classificação dos indivíduos mais velhos não pode ser justificado por motivos biológicos e/ou fisiológicos. A idade é uma construção social, onde

a distribuição das pessoas a um grupo etário é feita em relação ao actual entendimento teórico, interesses práticos, e considerações empíricas. Particularmente na investigação centrada em políticas, as percepções e crenças actuais sobre as pessoas mais idosas, a idade legal de reforma e a esperança de vida actual são importantes (Bohlinger & van Loo, 2010, 31). Para além do processo psicológico do envelhecimento, a idade tem muitos contextos, tais como contextos culturais, geracionais, de género, de carreira e de gestão de recursos humanos (Aaltio et al., 2017, 7).

A idade biológica humana refere-se ao funcionamento do corpo, onde o envelhecimento está relacionado com a degradação das partes do corpo, enquanto do ponto de vista psicológico, a idade refere-se à inteligência e à memória (Timonen, 2008). A idade sócio-cultural depende das expectativas da sociedade em relação às pessoas mais idosas. A idade cronológica é a mais simples, mas muitas vezes é o indicador menos informativo da idade, porque o foco da perspectiva é um número e não os antecedentes do indivíduo (Timonen, 2008; Tikkanen, 2008). De acordo com Naegele (2004), nem todas as classificações fornecem informação sobre as capacidades de aprendizagem ou experiências dos indivíduos, sendo necessárias classificações diferentes para a investigação empírica definir uma faixa etária específica e comparar diferentes grupos (Luger e Mulder, 2010,60).

2.1.1 Empreendedorismo sénior

À medida que a esperança de vida aumenta, os empresários seniores estão gradualmente a desempenhar um papel cada vez mais importante na actividade económica. No entanto, apesar da crescente importância dos seniores para o desenvolvimento económico, enquadramentos políticos e empresariais, a sua repercussão é pouco estudada (Isele e Rogoff, 2014). Os empresários mais idosos são referidos como empresários seniores, empresários cinzentos, empresários seniores ou de terceira idade, empresários mais idosos e empresários de segunda carreira, entre outros (Seymour, 2002). Como os termos senior e cinzento podem parecer ofensivos, Hearn e Parkin (2021) aconselha-se o uso das categorias etárias: jovens adultos (18-29 anos), adultos de meia-idade (30-49 anos), adultos de mais idade (50-64 anos) e adultos idosos (65-80 anos). Na

ENTRUST, utilizamos o termo empreendedores com + de 50 anos porque a formação de empreendedorismo planeada é dirigida a todas as pessoas com mais de 50 anos.

Isele e Rogoff (2014) refere-se que embora os meios de comunicação social retratem os empreendedores na casa dos vinte anos como especialistas em tecnologia e inovadores, estudos recentes mostram que tanto o grupo etário dos 18-29 anos como o grupo etário dos 60+ têm o mesmo número de novas start-ups, e de facto o grupo etário dos 55-64 anos possui a maior actividade start-up. Schøtt et al. (2017) também se comprova que o empreendedorismo entre as pessoas mais idosas também constitui um activo económico muito importante, tanto a nível global como regional. Na Finlândia, por exemplo, o número de empresários só aumentou na faixa etária dos 55-74 anos (Järnefelt, 2011). Em 2017, 13% de todos os empresários finlandeses com idades compreendidas entre os 65 e os 74 anos tinham sido anteriormente empregados, mas continuaram a trabalhar a tempo parcial após a reforma (Sutela e Pärnänen, 2018). Na Finlândia, quase metade dos empreendedores que fundaram uma start-up a partir do período em que já são seniores possuem experiência empresarial anterior (Kautonen, 2008).

Os mais idosos são geralmente mais capazes de iniciar e gerir negócios (Lechner e Dowling, 2003; Kibler et al. 2012; Singh e DeNoble, 2003; Weber e Schaper, 2004; Kautonen, 2013, 14) e os seus negócios também são mais bem-sucedidos (Khan 2013, 53) porque têm redes de contactos mais desenvolvidas e posições financeiras robustas, sabem como mobilizar recursos e construir credibilidade na fase de arranque e crescimento, e acumularam capitais próprios durante as suas carreiras (Schøtt et al. 2017).

Os reformados são o maior grupo de trabalhadores independentes da UE. Em 2018, 48% (14.5 milhões) de todos os trabalhadores independentes tinham mais de 50 anos de idade. Mais de 31% destes trabalhadores independentes também empregam outros, por isso, para evitar a perda destes negócios e empregos, os responsáveis políticos deveriam apoiar o processo de transferência de empresas (OCDE 2021).

2.1.2 Razões para se tornar num Empresário numa idade mais avançada

Os empresários mais idosos podem ser divididos em três grupos: 1) aqueles que trabalharam como empregados tornam-se empresários à medida que se reformam; 2)

aqueles que trabalharam como empregados e se reformam, mas mais tarde tornam-se empresários; e 3) antigos empresários que continuam o seu empreendedorismo após a reforma (Kyrö et al. 2012). Os empresários que se reformam cedo podem ser subdivididos em três tipos: para alguns, tornar-se independente é uma escolha racional; outros tiveram o desejo de ser empreendedores, mas por várias razões não conseguiram realizar este desejo no início da sua carreira; e outros prefeririam regressar às suas funções anteriores como empregados, mesmo que se possam vir a revelar como empreendedores (por exemplo, Singh e DeNoble 2003; Yaniv e Brock, 2012).

Escuder-Mollon et al. (2014) consideram que a aprendizagem ao longo da vida está a tornar-se mais comum, mas em vez de satisfazer necessidades relacionadas com o trabalho e requisitos de qualificação, as pessoas mais idosas têm mais necessidades pessoais: a curiosidade, o desejo de compreender o ambiente, a integração, o prazer de se manterem activas. Os objectivos pessoais melhoram a qualidade de vida: a educação aumenta o bem-estar e a compreensão de si próprio e da sociedade. Encontrar e alcançar objectivos pessoais ajuda os estudantes mais idosos a sentirem que estão a contribuir e a fazer parte da sociedade (Escuder-Mollon et al., 2014).

O empreendedorismo sénior pode vir de experiências empresariais anteriores, competências pessoais, ou passatempos. O empenho no trabalho e em actividades relevantes também motivam os empreendedores numa idade mais avançada. Os mais idosos também podem ter uma combinação de razões sociais, pessoais e financeiras para se tornarem empreendedores. Estas razões podem ser agrupadas em cinco categorias, como mostra a Figura 1: empreendedorismo como meio de apoio económico (ter), pertencer a uma comunidade (amar), ter significado, auto-realização e aprendizagem ao longo da vida (ser), trabalho em rede e participação activa (pertencer) e empreendedorismo como estilo de vida (representar). (Römer-Paakkanen e Takanen-Körperich, 2022 citado em Allard (1976) e Raivio e Karjalainen (2013, 15-17))

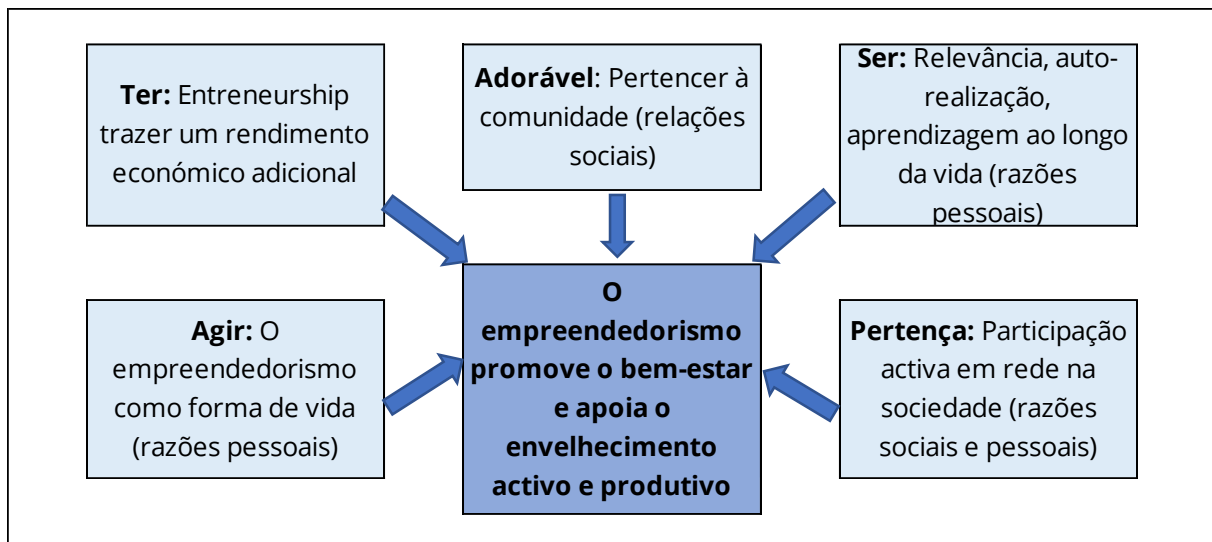


Figura 1

Fatores que influenciam as pessoas mais idosas a continuar ou começar a ser trabalhador independente (Römer-Paakkanen and Takanen-Körperich 2022 modified from Allard (1979) and Raivio & Karjalainen (2013, 15-17).

2.2 A Formação empreendedora e as abordagens de aprendizagem para estudantes com mais de 50 anos

O empreendedorismo é uma das competências-chave de aprendizagem ao longo da vida que os indivíduos necessitam para a realização e desenvolvimento pessoal, cidadania activa, inclusão social e emprego (Comissão das Comunidades Europeias, 2005). A educação e a aprendizagem ao longo da vida também desempenham um papel fundamental na melhoria da qualidade de vida e bem-estar dos adultos de meia-idade e mais idosos, reforçando as redes sociais e o apoio social, contribuindo assim para a solidariedade social e, ao mesmo tempo, para o desenvolvimento económico. A aprendizagem de adultos de mais idade também tem o potencial de melhorar os níveis de envelhecimento produtivo, assegurando que os trabalhadores mais idosos tenham as competências necessárias exigidas por oportunidades potenciais de emprego. (Schmidt-Hertha, Krašovec & Formosa, 2014). A aprendizagem em empreendedorismo é um processo social em que a aprendizagem não é apenas parte do processo de criação de conhecimento individual, mas também uma interacção funcional com os outros (Rae 2007). Por isso, as redes de relacionamento dos empreendedores como a família, amigos, parceiros de negócios, indivíduos e outros profissionais como contabilistas, banqueiros e

advogados são importantes fontes de aprendizagem e conhecimento. A aprendizagem empresarial é contextual, ou seja, os empreendedores aprendem em situações da vida real. Este processo de aprendizagem experimental envolve aprender fazendo, reflectindo, experimentando e colaborando. A aprendizagem empresarial é um processo dinâmico no qual os empreendedores actuam e tomam decisões sobre questões que nem sempre estão preparados para enfrentar. Os empreendedores têm de assumir riscos num ambiente incerto e, por vezes, também falham. Os empreendedores consideram que cometer erros e falhar é uma parte importante de aprendizagem, o que desencadeia um comportamento reflexivo (Gibb 2005; Pittaway e Cope 2007; Rae 2010). Através da reflexão, os empresários adquirem conhecimentos sobre os seus negócios, mas também sobre si próprios, conduzindo ao desenvolvimento pessoal.

As necessidades de aprendizagem do grupo-alvo devem ser tidas em conta na concepção do programa de formação. No entanto, muitos programas não têm em consideração os antecedentes sociais, culturais ou educacionais dos estudantes (De Faoite, Henry, Johnston e van der Sijde 2003). Os diferentes contextos dos estudantes criam diferentes necessidades de aprendizagem. Os valores culturais e as formas de pensar dos idosos, assim como as suas histórias educativas e de aprendizagem, podem variar de país para país. As pessoas mais idosas acumularam uma vida inteira de experiência que trazem para as situações de aprendizagem. A sua disponibilidade para o empreendedorismo varia de acordo com a sua anterior experiência de vida: alguns podem ter tido experiência de trabalho como empregados, enquanto outros tiveram experiência como empreendedores. Segundo De Faoite et al (2003), as iniciativas de educação e formação em empreendedorismo precisam de ser continuamente monitorizadas e avaliadas para assegurar que os seus objectivos estão a ser atingidos.

Um ambiente de formação para a aprendizagem do empreendedorismo deve apoiar um ensino centrado no aluno, em vez de um ensino centrado no professor. O papel do professor é facilitar e orientar os formandos durante o processo de aprendizagem. No entanto, a responsabilidade de organizar o conhecimento cabe aos próprios estudantes. As actividades de aprendizagem devem ser baseadas no contexto, problema e/ou oportunidade. A aprendizagem contextual difere da aprendizagem em sala de aula, onde o conhecimento é apresentado em abstracto e fora de contexto (Kickul & Fayolle 2006).

Os métodos de aprendizagem devem incluir tanto a aprendizagem individual, experimental e colaborativa, mas o ritmo de aprendizagem pode variar entre alunos e deve ser tido em conta na concepção do contexto de aprendizagem (Kickul e Fayolle 2006; Hessel 2008). No trabalho de grupo, os alunos mais idosos podem partilhar as suas experiências e desenvolver as suas capacidades sociais, auto-estima, confiança e motivação. Outros métodos de aprendizagem que aumentam o espírito empreendedor e a criação de novos negócios são, por exemplo, palestras, discussões, representações, estudos de caso, discussões de opiniões, vídeos e simulações.

Se quiseres permanecer activo na terceira idade, precisarás de adquirir mais competências para continuares a ser competitivo no mercado de trabalho. Hessel (2008) defende que quando o grupo etário com formação atinge os 50-55 anos de idade, eles possuem melhores hipóteses de encontrar emprego mais tarde. As características específicas dos trabalhadores mais idosos, tais como a sua escolaridade e história de aprendizagem, devem ser reconhecidas, uma vez que os trabalhadores que não estão habituados à aprendizagem contínua podem mostrar-se relutantes em participar na formação. Por isso, situações de aprendizagem competitivas devem ser evitadas. A formação deve ter em conta as diferenças entre indivíduos, por exemplo, no tempo necessário para a aprendizagem, e deve-se encorajar a auto-aprendizagem. No entanto, Formosa (2014) sublinha o princípio da inclusão, segundo o qual os mais idosos não devem ser tratados como um grupo separado, mas devem ser integrados na comunidade, assegurando ao mesmo tempo que as suas necessidades e interesses específicos sejam satisfeitos.

O projecto Erasmus+ mybusiness (2015) realizou um focus group para identificar as barreiras ou necessidades que os seniores irlandeses desempregados podem encontrar quando pensam em tornar-se empresários. As principais descobertas relacionavam-se com a identificação das suas próprias competências. As principais descobertas relacionavam-se com a identificação das suas próprias competências. As principais barreiras para encontrar um emprego ou iniciar um negócio foram a falta de confiança e identificação das suas próprias competências e a insuficiência de conhecimentos em informática.

Também a contratação de um empréstimo bancário foi vista como demasiado arriscada numa idade mais avançada. O trabalho em rede, o acesso à informação sobre organizações que apoiam o empreendedorismo para seniores e o mentoring foram considerados relevantes.

2.3 Desenvolvimento Sustentável e Turismo Sustentável

O desenvolvimento sustentável significa satisfazer as actuais necessidades e ao mesmo tempo garantir que as gerações futuras possam satisfazer as suas próprias necessidades. Tem três componentes principais: económico, ambiental e social. Para alcançar o desenvolvimento sustentável, as políticas nestas três áreas deverão trabalhar em conjunto e apoiar-se umas às outras (Comissão Europeia 2022). A sustentabilidade pode ser visualmente representada de três formas diferentes: por três pilares, por três círculos intersectantes centrados na sustentabilidade global, ou por três círculos "concêntricos" (Purvis et al. 2019).

O " Conselho Global para o Turismo Sustentável" (GSTC) definiu critérios que servem como padrões globais de sustentabilidade turística e de sustentabilidade do turismo. Os critérios são utilizados para a orientação e sensibilização, para a tomada de decisões, medição e avaliação pelas empresas, agências governamentais e outros tipos de organizações, e também como base para a certificação. "Os critérios da GSTC baseiam-se em décadas de experiência e trabalhos anteriores em todo o mundo e têm em conta as inúmeras directrizes e padrões para o turismo sustentável de todos os continentes. Durante o processo de desenvolvimento, as directrizes foram amplamente utilizadas em todo o mundo, tanto nos países desenvolvidos como nos países em desenvolvimento, e em múltiplas línguas. Reflectem o objectivo de conseguirmos um consenso global sobre o turismo sustentável. O processo de desenvolvimento dos critérios foi concebido para seguir a ISEAL Alliance, um organismo internacional que fornece directrizes para o desenvolvimento e gestão de padrões de sustentabilidade em todos os sectores. Este código é baseado nas relevantes normas ISO. Os critérios são mínimos, e não máximos, que as empresas, governos e locais devem alcançar para se aproximarem da sustentabilidade social, ambiental, cultural e económica. Como cada destino tem a sua própria cultura, ambiente, costumes e leis, os critérios são concebidos para serem adaptáveis às

condições locais e são ainda complementados por critérios adicionais para locais e actividades específicas" (Global Sustainable Tourism Council 2022).

2.4 Turismo Rural

A OCDE define uma área rural da seguinte forma: *"O critério recomendado é a densidade populacional de 150 pessoas por quilómetro quadrado, a nível local. A nível regional, as unidades geográficas são agrupadas de acordo com a proporção da população rural em três tipos: predominantemente rural (50%), significativamente rural (15-50%) e predominantemente urbanizada (15%)".* A UNWTO (Organização Mundial do Turismo 2022) considera as actividades de turismo rural como tendo lugar em zonas escassamente povoadas, onde a agricultura predomina na paisagem e no uso da terra. O turismo rural caracteriza-se pelo consumo extensivo por parte dos visitantes de produtos relacionados com a natureza, a vida rural ou a cultura e a agricultura. Arslan e Ekren (2017, 2579) remetem para Soykan (2002), a definição de turismo rural como uma forma de turismo integrado no meio natural, no território rural e nas actividades económicas locais.

O turismo rural pode ser também definido como o movimento de pessoas do seu local de residência habitual para uma zona rural por um mínimo de 24 horas e um máximo de seis meses com o único objectivo de lazer e recreio (Notas Turísticas 2022). O turismo rural refere-se ao conjunto das actividades turísticas de uma zona rural. Fleischer e Pizam (1997) utilizam o termo "férias rurais", em que o turista passa a maior parte do seu tempo de férias de forma recreativa num ambiente rural, numa quinta, numa casa de campo, ou numa zona circundante. Como o turismo é frequentemente visto como um importante meio de desenvolvimento nas zonas rurais marginais, acredita-se que tal desenvolvimento apela a um mercado pós-moderno que procura experiências "únicas" (Kastenholza et al. 2012). De acordo com Kompplu (2014, 366), os pequenos empresários rurais deverão ter um modelo de negócio sólido se quiserem ter sucesso no sector do turismo. Novos produtos competitivos em nichos de mercado são a chave para se diferenciarem da concorrência nas zonas rurais, por isso os empresários também devem ter uma mente inovadora para gerar novas ideias para os seus negócios. O turismo rural também enfrenta problemas de qualidade, acessibilidade e preço, especialmente no

segmento de actividades organizadas, que apresenta temporadas muito curtas. Temporadas curtas criam uma procura variável, tornando impossível aos empresários manterem um negócio estável durante todo o tempo (Komppula, 2014, 366).

2.5 Definições de Património Cultural, Património Mundial e Património Natural

A autenticidade cultural e os recursos naturais são ferramentas importantes para os países e destinos utilizarem nos seus esforços de atrair turistas. Quando o turismo se baseia na ampla participação dos intervenientes e nos princípios do desenvolvimento sustentável, pode despertar uma consciência para os valores culturais e ambientais e ajudar a financiar a protecção e gestão de áreas protegidas e sensíveis (OCDE 2020, 91).

O património é o legado cultural que herdamos do passado, convivemos no presente e transmitimos às gerações futuras: certos lugares na Terra têm "*valor universal excepcional*" (UNESCO 2022a). A Unesco (2014, 230) define **Património Cultural** como "*Monumentos, obras arquitectónicas, elementos ou estruturas arqueológicas bem como esculturas e pinturas monumentais, grupos de edifícios, sítios feitos pelo homem ou pela natureza que têm um valor universal ou nacional excepcional do ponto de vista histórico, artístico e científico, tanto estético como etnológico ou antropológico*". Além disso, os elementos do património cultural devem ser registados em listas ou registos internacionais / nacionais de património cultural".

Património Mundial significa "*A designação dada a lugares do planeta que são para a humanidade de valor universal excepcional e que estão inscritos como tal na Lista do Património Mundial para a apreciação e usufruto das gerações futuras*" (Unesco, 2022b). Todos os sítios do Património Mundial devem ter Valor Universal Excepcional (OUV), que diz respeito ao significado e integridade excepcionais de um sítio do património cultural ou natural que transcende as fronteiras nacionais (Associação do Património Mundial da Finlândia, 2022a). O património cultural é importante para o desenvolvimento económico, ambiental e social da indústria do turismo (UNESCO, 2022c).

O património natural é definido como "formações ou grupos físicos e biológicos, formações geológicas e fisiográficas, habitat de espécies de animais e plantas ameaçadas, bem como sítios naturais ou áreas naturais delimitadas de forma precisa que têm um valor universal ou nacional excepcional do ponto de vista estético ou científico, de conservação ou de beleza natural". Além disso, os itens do património natural devem ser registados em listas ou registos internacionais / nacionais de património cultural ou natural" (UNESCO 2014, 132).

3. Métodos e Dados de Investigação

Os dados foram recolhidos através de um inquérito em quatro países diferentes: os Países Baixos, Irlanda, Portugal e Finlândia. Os questionários foram dirigidos a dois públicos diferentes: especialistas na indústria do turismo e no desenvolvimento regional, e potenciais 50+ empresários. Ambos os inquéritos foram realizados por correio electrónico entre Abril e Julho de 2022. As perguntas do inquérito foram estruturadas de modo a reflectir a literatura anterior. O questionário consistia em perguntas de escolha múltipla, perguntas abertas e declarações, que os inquiridos classificaram numa escala do Likert de 1 a 4 (1= discordam fortemente, 4= concordam fortemente). O número de inquiridos em ambos os inquéritos (Quadro 1) foi pequeno: um total de 72 potenciais 50+ inquiridos empresariais e um total de 100 inquiridos peritos. Contudo, uma vez que o objectivo era encontrar ideias para o planeamento da formação empresarial e não para descrever ou comparar as populações de base, o pequeno número de inquiridos não interfere com a utilização dos resultados e a fiabilidade da investigação.

Quadro 1 Número de inquiridos nos quatro países-alvo

	Potenciais Empreendedores 50+	Organizações de Desenvolvimento Turístico
Países Baixos	17	16
Irlanda	15	43
Portugal	24	27
Finlandia	16	14
Total	72	100

Na análise da escala Likert, foram calculados valores médios. Os resultados descrevem o intervalo de médias em quatro países. Os resultados das perguntas de escolha múltipla são apresentados como percentagens, ou seja, que percentagem dos inquiridos tinha escolhido essa resposta.

4. Resultados

4.1 Opiniões de peritos sobre o Potencial Empreendedor e os Desafios do Empreendedorismo para as Empresas Relacionadas com o Turismo

Os peritos (n=100) consideraram que as zonas rurais têm muitas oportunidades para os empresários (média 3,4-3,8) e que é importante tornar visível o património cultural local (média 3,6-3,8). É por isso que sentiram que a formação em empreendedorismo é importante para o desenvolvimento do turismo nas zonas rurais (média 2,8-3,7).

Segundo especialistas dos quatro países, o negócio do turismo enfrenta muitos desafios nas zonas rurais. Durante a COVID-19, muitos trabalhadores foram forçados a abandonar os seus empregos e a mudar de carreira, o que, à medida que a situação melhorou, provocou uma escassez de pessoal numa empresa. Para muitos empresários, a pandemia era financeiramente onerosa, e muitos tiveram de encerrar as suas empresas. Recentemente, a elevada inflação contribuiu para um aumento dos custos e dificultou a muitos empresários a realização de negócios.

As infra-estruturas foram vistas como um desafio em todos os países. Por exemplo, os transportes públicos não fornecem serviços suficientes nas zonas rurais, o que significa que os turistas são obrigados a alugar um carro. As ligações de banda larga e os serviços

digitais inadequados foram vistos como um problema na Irlanda, por exemplo, enquanto estavam em ordem na Finlândia. Muitos sítios da natureza e culturais foram considerados como tendo poucos serviços ou como tendo uma manutenção deficiente, por exemplo, em alguns sítios da natureza as rotas são mal marcadas.

Nas zonas rurais, o turismo é frequentemente sazonal e tem falhado em criar novas actividades atractivas fora da época. Além disso, o lento planeamento espacial dificulta o desenvolvimento do turismo em algumas áreas. As empresas rurais são pequenas, deixando os empresários a fazer todo o trabalho por conta própria.

Os principais desafios para os empresários de acordo com os peritos (n=100) estão resumidos no Quadro 2. Houve diferenças entre organizações em diferentes países, mas a disponibilidade de mão-de-obra (71%), infra-estruturas (56%) e acesso ao financiamento (54%) surgiram como os principais desafios para o empreendedorismo nas zonas rurais em todos os países parceiros.

Quadro 2 Opiniões de peritos sobre os principais desafios para os empresários em áreas rurais (n=100)

	n	%
Infra-estruturas (ligações de transporte, ligações de rede, etc.)	56	56 %
Acesso ao financiamento	54	54 %
Muito poucos empresários	37	37 %
Disponibilidade de mão-de-obra	71	71 %
Dificuldade em encontrar clientes	33	33 %
Falta de redes apropriadas	33	33 %
Falta de educação/formação adequada	35	35 %

Outros desafios para os empresários das zonas rurais incluem negócios, produção, criação de redes, marketing e competências digitais. Os atores regionais devem cooperar mais para desenvolver serviços. Muitos empresários também estão relutantes em mudar e não compreendem a importância da qualidade dos serviços, por exemplo. Um perito finlandês descreveu os empresários como: "... nível 2-3 é suficiente para mim, quando o cliente quer nível 4-5". As exigências do turismo sustentável estão também a provocar uma relutância em investir entre os empresários.

4.2 Aspirações Empresariais de Potenciais Empreendedores 50+ em Áreas Rurais

Dos mais de 50 potenciais empresários, 25% tencionam tornar-se empresários num futuro próximo. Desses empresários, 50% que já têm um negócio anterior nas zonas rurais pretendem continuar o seu negócio após a reforma (Quadro 3).

Quadro 3 Aspirações Empresariais de Potenciais Empreendedores 50+ em Áreas Rurais (n=71)

	n	%
Tenciono tornar-me empresário num futuro próximo	18	25 %
Tenciono tornar-me empresário quando me reformar	8	11 %
Sou um empresário e tenciono continuar a gerir o meu negócio mesmo depois de me reformar	33	47 %
Sou trabalhador independente, mas quero começar um novo negócio num outro sector?	8	11 %
Não tenho qualquer intenção de me tornar um empresário	8	11 %

Os potenciais empreendedores 50+ sentiram que as suas longas carreiras numa vasta gama de empregos e vasta experiência de vida lhes dão um bom ponto de partida para terem sucesso como empreendedores no futuro. Em particular, a experiência e as competências na sua própria área e no empreendedorismo foram fatores importantes para o sucesso como empresário. Um dos inquiridos descreve-o da seguinte forma. "Eu sou um empresário mais velho. Tenho muita experiência de vida que me vai ajudar no futuro". Os empresários também mencionaram que as competências de vendas, as redes alargadas, a capacidade de trabalhar arduamente, aprender com os erros, a capacidade de resolução de problemas e a vontade de aprender coisas novas contribuem para o sucesso empresarial. Em geral, os inquiridos sentiram que tinham boas hipóteses de sucesso (média 2,7-3,1) se iniciassem um negócio.

Os inquiridos classificaram as suas capacidades de reflexão, capacidade de conviver com diferentes pessoas, capacidade de avaliar as consequências de ideias e acções, e gestão de projectos muito bem (média de 3,3 a 3,6). Além disso, alguns inquiridos mencionaram que possuíam competências importantes em pensamento criativo, competências pessoais, capacidade de trabalho em rede, abertura e vontade de ajudar as pessoas a

encontrar soluções para os seus problemas. Por outro lado, os inquiridos sentiram que a sua capacidade de tolerar a incerteza, de assumir riscos e de conceber e desenvolver novos produtos e serviços estava apenas ligeiramente acima da média (média 2,5-3,2). As razões dadas por potenciais empresários 50+ (n=72) para se tornarem ou permanecerem por conta própria são apresentadas no Quadro 4. O desejo de desenvolver e utilizar as suas competências (65%) e de participar activamente na sociedade (46%) foram vistos como as razões mais importantes para se tornarem ou permanecerem por conta própria. Pertencer à comunidade (31%) ou a necessidade de ganhar dinheiro extra (27%) foram apenas por algumas razões importantes para começar ou continuar como empresário.

Quadro 4 Razões dadas por potenciais Empresário50+ s para se tornarem ou permanecerem Autónomos (n=72)

	n	%
Quero desenvolver e usar as minhas competências	47	65 %
Preciso de dinheiro extra	27	38 %
Quero sentir-me parte de uma comunidade	22	31 %
Empreendedorismo é o meu modo de vida	27	38 %
Quero desempenhar um papel activo na sociedade	33	46 %
Quero promover o património cultural da região	23	32 %
Quero promover a sustentabilidade social na minha região	32	44 %

Os inquiridos citaram a falta de finanças, burocracia, falta de confiança na sua própria ideia, falta de coragem, velhice, trabalhar sozinho, falta de tempo e melhores rendimentos do trabalho remunerado como fatores que os impedem de se tornarem empresários.

4.3 Tópicos chave de formação em Empreendedorismo para 50+

Quando questionados sobre soluções pedagógicas para a formação empresarial (Quadro 5), metade dos inquiridos (50%) sentiram que a orientação personalizada apoiava a sua aprendizagem profissional. A aprendizagem pelos pares com outros empresários foi também considerada útil (48%). A combinação de contacto e aprendizagem em linha foi

vista como uma boa solução por 40% dos inquiridos, enquanto a aprendizagem em sala de aula foi favorecida por apenas 4%.

*Quadro 5 Que Tipo de Formação em Empreendedorismo sente que o apoia para se tornar um Empreendedor?
(n=73)*

	n	%
Orientação personalizada de acordo com as suas necessidades profissionais	36	50 %
Aprendizagem pelos pares em cooperação com outros empresários	35	48 %
Formação mista (uma combinação de formação presencial e em online)	25	34 %
Formação online (inclui ensino e orientação)	29	40 %
Ensino em sala de aula	3	4 %
Formação virtual (auto-aprendizagem; não inclui orientação ou ensino)	10	14 %
Não estou interessado na educação sobre empreendedorismo	8	11 %

Quando questionados sobre os temas de formação na área do empreendedorismo (Quadro 6), tanto especialistas como potenciais empresários 50+ sentiram que a criação de novas ideias, a antecipação do futuro e a identificação de oportunidades, o desenvolvimento de experiências de turismo sustentável e a concepção de serviços eram importantes. Nenhum grupo de inquiridos considerou o conhecimento das fontes de financiamento nacionais e europeias nem o coaching de competências de liderança como elementos importantes do coaching.

	Médias dos peritos	Empreendedores 50+ médias
Criar novas ideias para um turismo rural sustentável	3.1-3.9	3.1-3.7
Antecipar o futuro e identificar oportunidades	3.4-3.9	3.4-3.6
Desenvolver experiências de turismo sustentável e concepção de serviços	3.4-3.7	3.1-3.6
Planeamento empresarial desde o conceito até à comercialização	3.2-3.6	3.4-3.5
Marketing e vendas de turismo rural	2.9-3.8	2.9-3.6
Criação de redes e <i>stakeholders</i>	3.1-3.6	3.0-3.5
Competências digitais e tecnológicas	3.1-3.6	3.1-3.5
Fontes de financiamento nacionais e europeias	2.7-3.6	2.6-3.4
Capacidade de liderança	2.8-3.3	2.4-3.3
Competências financeiras	3.1-3.6	3.3-3.5

5. Conclusões e Reflexões

A conclusão dos inquéritos é que foram percebidas oportunidades de negócio nas zonas rurais para mais de 50 profissionais experientes. Em cada um dos países alvo, quase todos os potenciais empresários 50+ já tinham muitas das competências de que os empresários precisam, mas também precisavam de aprender uns com os outros ou com outros potenciais empresários. Além disso, havia um desejo de aprendizagem multidisciplinar, que consistia em aprendizagem por contacto e aprendizagem em linha, e possivelmente também alguns componentes virtuais. Havia também a necessidade de tutoria um-a-um, mas o ensino tradicional em sala de aula não era apreciado.

De acordo com pesquisas anteriores e inquéritos ENTRUST, a formação em empreendedorismo destinada a empresários 50+ deve familiarizá-los com o tipo de negócio que já existe nas zonas rurais e que tipo de negócio é necessário nessas zonas. Além disso, eles queriam saber o que deve ser tido em conta no turismo sustentável e como criar um negócio turístico sustentável a partir do património cultural rural. Era também importante, que a formação e o treino pudessem dar-lhes uma oportunidade de

experimentalmente na prática, como transformar uma ideia num produto ou serviço comercial. O Projecto ENTRUST já iniciou o planeamento dos conteúdos reais da formação com base na revisão bibliográfica e nos resultados dos inquéritos e continuará a testar diferentes opções através de painéis de peritos externos.

BIBLIOGRAFIA

Aaltio, I., Mills, A.J. and Halms Mills, J. (2017), "Introduction: why to study ageing in organisations?", Palgrave Macmillan, Springer Nature, Cham. Available at: <https://1lib.sk/book/3376004/d5af67> (retrieved 25.2.22)

Allardt, E. (1976), Dimensions of Wellbeing, WSOY, Juva.

Arslan, M. & Ekran, E. (2017). Importance of rural tourism and investigation of abroad examples. Ankara University. Conference paper. VII International Scientific Agriculture. Symposium at Jahorina. Available at: https://www.researchgate.net/publication/323174930_IMPORTANCE_OF_RURAL_TOURISM_AND_INVESTIGATION_OF_ABROAD_EXAMPLES (retrieved 2.8.2022)

Ashworth, G. J. (2000) Heritage, Tourism and Places: A Review. doi.org/10.1080/02508281.2000.11014897

Barr, F.M. & Russell, C.A. (2006) Social capital — A potential tool for analysis of the relationship between ageing individuals and their social environment. *Ageing International* 31, 203–216 <https://doi.org/10.1007/BF02915229>

Bohlinger, S. & van Loo, J. 2010. Lifelong learning for ageing workers to sustain employability and develop personality In: CEDEFOP. 2020. Working and Ageing. Emerging theories and empirical perspectives. Publications Office of the European Union. Luxembourg. pp. 28-57. Available at: <https://data.europa.eu/doi/10.2801/22277> (retrieved 2.8.2022)

Cela, E. & Ciommi, M. (2018). Zaidi, A., Harper, S., Howse, K., Lamura, G. & Perek-Białas, J. (eds.) Building Evidence for Active Ageing Policies. Active Ageing Index and its Potential. Springer Nature. Singapore. pp. 211-237. https://doi.org/10.1007/978-981-10-6017-5_11

Commission of the European Communities (2005), "Proposal for a recommendation of the European parliament and of the council on key competences for lifelong learning", available at:

<https://eurlex.europa.eu/legalcontent/EN/TXT/HTML/?uri=CELEX:52005PC0548&from=ES>
(retrieved 28.8.22).

De Faoite, D., Henry, C., Johnston, K. & van der Sijde, P. (2003). Education and training for entrepreneurs: a consideration of initiatives in Ireland and The Netherlands, *Education and Training* 45(8/9), 430-438

Erasmus+ mybusiness project (2015). <https://infodef.es/project/my-business?lang=en>

Escuder-Mollon, P. (2012), "Modelling the impact of lifelong learning on senior citizens' quality of life", *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, Vol. 46, pp. 2339-2346

European Commission (2014). Population ageing in Europe: Facts, implications and policies, Outcomes of EU-funded research. Directorate-General for Research and Innovation. Socioeconomic sciences and humanities. Directorate B - Innovation Union and European Research Area. Unit B.6. - Relective Societies [DOI:10.13140/2.1.5039.6806](https://doi.org/10.13140/2.1.5039.6806).

Fleicher, A. & Pizam, A. Rural tourism in Israel (1997) *Tourism Management*, Vol. 18, No. 6, pp. 367-372. Available:

<https://www.institutobrasilrural.org.br/download/20080611131755.pdf>

(retrieved 2.8.2022)

Formosa, M. (2014) Lifelong Learning in Later Life: Policies and Practices. In Schmidt-Hertha, B., Sabina Jelenc Krašovec, S. & Formosa, M. (Eds.) Learning across Generations in

Europe. Research on the education and learning of adults. Volume 2. The European Society for Research on the Education of Adults (ESREA). Sense Publishers, Rotterdam.
[DOI: 10.1007/978-94-6209-902-9](https://doi.org/10.1007/978-94-6209-902-9)

Gibb, A.A. (2005) The future of entrepreneurship education-determining the basis for coherent policy and practice? In P. Kyrö & C. Carrier (Eds.) The dynamics of learning entrepreneurship in a cross-cultural university context. Hämeenlinna: University of Tampere.

Global Sustainable Tourism Council. 2022. The GSTC Criteria. Available at: <https://www.gstcouncil.org/gstc-criteria/> (retrieved 2.8.2022)

Hearn, J. & Parkin, W. (2021), Age at Work: Ambiguous Boundaries of Organizations, Organizing and Ageing, Sage, London

Hessel, R. 2008. Active ageing in a greying society: training for all ages. European journal of vocational training, No 45, 2008/3. Available at: <https://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.550.5167&rep=rep1&type=pdf>(retrieved 2.8.2022)

Isele, E. and Rogoff, E.G. (2014), "Senior entrepreneurship: the new normal", *Public Policy and Ageing Report*, Vol. 24 No. 4, pp. 141-147, Oxford University Press on behalf of The Gerontological Society of America. DOI: 10.1093/ppar/pru043

Järnefelt, N. (2011), Ikääntyneiden yrittäjyys on lisääntynyt. [Entrepreneurship among older people has increased], *Hyvinvointikatsaus* 4/2011, available at: https://www.stat.fi/artikkelit/2011/art_2011-12-12_001.html?s50 (retrieved 2.8.2022).

Kastenholza, E., Carneiroa, M.J., Marques, C.P. & Lima, J. 2012. Understanding and managing the rural tourism experience - The case of a historic village in Portugal. *Tourism*

Management Perspectives, Vol. 4, October 2012, 207-214.
<https://doi.org/10.1016/j.tmp.2012.08.009>

Kautonen, T. (2008), "Understanding the older entrepreneur: comparing third age and prime age entrepreneurs in Finland", *International Journal of Business Science and Applied Management*, Vol. 3 No. 3, pp. 3-13

Kautonen, T. (2013), "Senior entrepreneurship", A Background Paper for the OECD Centre for Entrepreneurship, SMEs and Local Development, OECD, available at: https://www.oecd.org/cfe/leed/senior_bp_final.pdf (retrieved 13.2.2023)

Khan, H. (2013), *Five Hours a Day Systemic Innovation for an Ageing Population*, Nesta, available at: https://media.nesta.org.uk/documents/five_hours_a_day_jan13.pdf (retrieved 2.8.2022)

Kickul, J. & Fayolle, A. (2007). Cornerstones of change: revisiting and challenging new perspectives on research in entrepreneurship education. In A. Fayolle (Eds.) *Handbook of Research in Entrepreneurship Education*, Volume 1. UK: Edward Elgar Publishing Limited, 1-19

Kibler, E., Wainwright, T., Kautonen, T. & Blackburn, R.A. (2012), *(Work)life after Work?: Older Entrepreneurship in London - Motivations and Barriers*. SBRC, Kingston University, London

Komppula, R. (2014). Rural tourism: A systematic literature review on definitions and challenges. *Journal of Hospitality and Tourism Management*. Vol. 47. doi.org/10.1016/j.tourman.2013.07.007

Kyrö, P., Moisala, A., Nyrhinen, S. & Levikari, N. (2012), *Kohti joustavia senioriyrittäjyyden polkuja. [Towards flexible pathways for senior entrepreneurship]. Raportti Oma Projekti - Seniorina yrittäjäksi-tutkimushankkeesta 2012*, Pienyrityskeskus. Aalto University

Available at: http://epub.lib.aalto.fi/pdf/hseother/Aalto_Report_KT_2012_001.pdf
(retrieved 2.8.2022)

Lechner, C. & Dowling, M. (2003), "Firm networks: external relationships as sources for the growth and competitiveness of entrepreneurial firms", *Entrepreneurship and Regional Development*, Vol. 15 No. 1, pp. 1-26

Luger, B. & Mulder, R. 2010. A literature review basis for considering a theoretical framework on older workers' learning. In: CEDEFOP. 2020. *Working and ageing. Emerging theories and empirical perspectives*. Publications Office of the European Union. Luxembourg. pp. 59-73. <https://data.europa.eu/doi/10.2801/22277>.

OECD. 2020. OECD Tourism Trends and Policies 2020. Policy highlights. Available at: <https://www.oecd.org/cfe/tourism/oecd-tourism-trends-and-policies-20767773.htm>
(retrieved 14.2.22)

Pittaway, L., & Cope, J. (2005). Stimulating entrepreneurial learning: integrating experiential and collaborative approaches to learning. *Management Learning*, 38(2), 211-233.

Purvis, B., Mao, Y. & Robinson, D. 2019. Three pillars of sustainability: in search of conceptual origins. *Sustainability Science*.14: 681-695. <https://doi.org/10.1007/s11625-018-0627-5>

Rae, D. (2007). *Entrepreneurship from opportunity to action*. New York: Palgrave McMillan

Rae, D. (2010). *Entrepreneurial learning: the challenge of the new era*. Presentation. National Entrepreneurship Education Days. 30.9-1.10.2010. Turku, Finland.

Rae, D. and Carswell, M. (2001), Towards a conceptual understanding of entrepreneurial learning, *Journal of Small Business and Enterprise Development*, Vol. 8, No. 2, pp. 150-158.
<https://doi.org/10.1108/EUM00000000006816>

Raivio, H. & Karjalainen, J. (2013), Osallisuus ei ole keino tai väline, palvelut ovat!. Osallisuuden rakentuminen 2010-luvun tavoite- ja toimintaohjelmissa. [Inclusion is not a means or a tool, services are! Building inclusion in the 2010s' target and action programmes.]. In: Era, T. (toim.) Osallisuus - oikeutta vai pakkoa? [Participation - right or compulsion?], Jyväskylän ammattikorkeakoulun julkaisuja 156, Jyväskylä, URN:ISBN:978-951-830-280-6

Robinson, M. & Picard, D. (2006). UNESCO. Digital library. Culture Sector. Tourism, culture and sustainable development. Available at:
<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000147578> (retrieved 2.8.2022)

Römer-Paakkanen, T. & Takanen-Körperich, P. (2022). Women's entrepreneurship at an older age: women linguists' hybrid careers. *Qualitative Research in Organizations and Management: An International Journal*. Vol. 17 No. 2, 2022 pp. 253-273. 1746-5648.
DOI 10.1108/QROM-07-2020-1982

Salminen, A. 2011. Mikä on kirjallisuuskatsaus? Johdatus kirjallisuuskatsauksen tyypeihin ja hallintotieteellisiin sovelluksiin. [What is a literature review? An introduction to the types and applications of literature review in management science] Opetusjulkaisuja 62. University of Vaasa Publications. Available at: <https://osuva.uwasa.fi/handle/10024/7961> (retrieved 2.8.2022)

Schøtt, T., Rogoff, E., Errington, M. & Kew, P. (2017), GEM Special Report on Senior Entrepreneurship 2017, Global Entrepreneurship Research Association, available at:
<https://gemconsortium.org/report/gem-2016-2017-report-on-senior-entrepreneurship> (retrieved 2.8.2022)

Seymour, N. (2002), "Starting up after 50", CELCEE Digest, available at: <https://files.eric.ed.gov/fulltext/ED476585.pdf> (retrieved 2.8.2022)

Singh, G. and DeNoble, A. (2003), Early retirees as the next generation of entrepreneurs, *Entrepreneurship, Theory and Practice*, Vol. 27 No. 3, pp. 207-226, doi: 10.1111/1540-8520.t01-1-00001.

Schmidt-Hertha, B., Krašovec, S.J. & Formosa, M. (2014). Introduction: Older Adult Education and Intergenerational Learning. In: Schmidt-Hertha, B., Krašovec, S.J. & Formosa, M. (Eds.) *Learning across Generations in Europe. Contemporary Issues in Older Adult Education. Research on the education and learning of adults. VOLUME 2.* Sense Publishers. Rotterdam. pp. 1-8. DOI: 10.1007/978-94-6209-902-9

Sutela, H. & Pärnänen, A. (2018), Yrittäjät Suomessa 2017. [Entrepreneurs in Finland 2017]. Statistics Finland, Helsinki, available at: https://www.stat.fi/tup/julkaisut/tiedostot/julkaisuluettelo/ytym_201700_2018_21465_nett.pdf (retrieved 2.8.2022)

Soykan, F. 2002. Kırsal Turizmin Sosyo- Ekonomik Etkilerive Türkiye /Socio-Economic Impacts of Rural Tourism in Turkey/Türkiye Dağları I. Ulusal Sempozyumu (25-27 Haziran 2002), Orman Bakanlığı Araştırma Planlama ve Koordinasyon Kurulu Başkanlığı, Orman Bakanlığı Yayın No: 183, Ankara

Tourism Notes. 2022. Rural Tourism - Definitions, Types, Forms and Characteristics, available at: <https://tourismnotes.com/rural-tourism/> (retrieved 2.8.2022)

Weber, P. and Schaper, M. (2003), "Understanding the grey entrepreneur: a review of the literature", 16th Annual Conference of Small Enterprise Association of Australia and New Zealand. UNESCO 2014. Culture for development indicators. Methodology Manual, available at:

https://en.unesco.org/creativity/sites/creativity/files/cdis_methodology_manual_0_0.pdf

(retrieved 2.8.2022)

UNESCO (2022a). Field Office, available at:

<https://en.unesco.org/fieldoffice/santiago/cultura/patrimonio>

UNESCO (2022b). What is World Heritage? Available at: <https://whc.unesco.org/en/faq/19>

(retrieved 2.8.2022)

UNESCO (2022c). About. Tourism Programme Brochure, available at:

<https://whc.unesco.org/uploads/activities/documents/activity-669-7.pdf>

(retrieved 2.8.2022).

World Tourism Organization 2022. Rural tourism, available at:

<https://www.unwto.org/rural-tourism> (retrieved 2.8.2022)

Yaniv, E. & Brock, D. (2012), "Reluctant entrepreneurs: why they do it and how they do it", *Ivey Business Journal*, November/December 2012, available at:

<https://iveybusinessjournal.com/publication/reluctant-entrepreneurs-why-they-do-it-and-how-they-do-it/> (retrieved 2.8.2022)